

# FOLHA DE VILLA VERDE

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS  
PAGAS ADIANTADAS Anno 14500 réis. Semestre 800 réis. Folha avulso 40 réis.

Toda a correspondência deve ser dirigida á redacção da «Folha de Villa Verde» — VILLA VERDE.

Administrador e editor responsável,

BERNARDO ANTONIO DE SA PEREIRA

ANUNCIOS  
Judiciaes cada linha 40 réis, outros annunciões 40 réis, com munições e reclames 60 réis.

Annuncios por anno são por preços convencioneiros. A cada annuncião accresce 10 réis de sella por publicação.

VILLA VERDE-1905

## Casus belli

Por mais que a sociedade moderna, nos seus rasgos de sentimento humanitário, se esforce em prégar a cruzada da paz, a guerra entre os povos, como entre os individuos, será com maiores ou menores intermittencias, o maior flagello da humanidade.

Fumegam ainda os destroços das cidades arrazadas e dos navios destruidos pela metralha e pela dynamite no debate sangrento entre dois exercitos poderosos, que se bateram desesperadamente na Asia Oriental, e já o facho da guerra entre duas nações pequenas — a Grecia e Roumania — vaee lançando clarões sinistros.

O governo da Roumania denunciou o tractado de commercio de 1900 com a Grecia e a rotura de relações diplomaticas, seguida de violencias, não se fez esperar.

A Roumania vaee provocando por meio de represalias os acontecimentos, e a Grecia, por sua parte, julga dever aceitar o repto.

Pobre Grecia! Mal convalescida da chaga causada pela sua inimiga — a Turquia — é de novo provocada á lucta pela sua nova rival no Mar Negro — a Roumania — que dispondo de maiores recursos pessoais e materiaes tem talvez em seu favor o patronato da meia-lua.

Talvez os dois pequenos con-

tendores se limitem, porém, a tolher mutuamente o tracto commercial. Não se ficaria por ahí a Roumania, cuja população é tres vezes maior que a da Grecia cujo estado financeiro é mais precario desde a ultima guerra, se lhe fosse possível atacar a sua inimiga por terra.

Tambem a Grecia, que tem, comparativamente, boa marinha de guerra, poderia infligir uma derrota á marinha roumana; mas é de esperar que a Turquia lhe estorve a passagem pelos Dardanellos.

Ha, porém, uma vantagem: é que se a Turquia se não oppozer á passagem da pequena esquadra roumana para o Archipelago (que não será preciso...), pela mesma razão tem de dar passagem franca á esquadra helénica para o Mar Negro. Estas difficuldades obstarão, cremos, á tentativa da mobilisação das esquadras dos dois pequenos estados, que limitarão talvez a esphera das hostilidades á oppressão dos colonos. Mas — quem sabe? — talvez que os gregos, que são na verdade um povo bastante inquietos, conscios da superioridade da sua marinha de guerra, provoquem a lucta, dando caça nos seus mares aos navios mercantes roumanos.

A proposito diremos que as grandes potencias europeias se devem interessar pela solução pacifica do conflicto. E dizemos isto, não por que os pequenos estados, como os individuos, não tenham direito de liquidar os conflictos que envolvem a honra

nacional; mas quando essas pendencias tem como origem questões futeis, por que não hade interpoer a tempo a intervenção, e só depois que ambos os belligerantes estão, ao menos, materialmente arruinados?

Não foi a ruina material o ultimo resultado da guerra russo-japoneza?

Quem pode negar que o Japão, apesar da sua victoria, não ficou materialmente arruinado?

Quantos annos não serão necessarios ao governo do mikado para se resarcir, pela administração da Mandchuria, dos prejuizos materiaes? N'este ponto foi o vencedor que ficou vencido.

E a renovação da alliança ingleza com o mikado, tão mal vista pelas grandes potencias europeias do norte, não poderá trazer para breve gravissimos conflictos?

A Alemanha, que tão grandes sacrificios está fazendo para engrandecer a sua esquadra, não arrastará á lucta a Russia, a Hollanda — talvez a França contra a Inglaterra, que, pela sua alliança com o Japão, pretende envolver a Europa, Africa e Asia n'um circulo de ferro?

Muito bom seria prevenir a tempo o que mais tarde só n muito custo se pôde remediar... mal.

## SECÇÃO AGRICOLA

### Serviços da occasião

Entra-se agora na faina das sementeiras. Para lavar bem é preciso ter bons arados, como os das Escolas Moveis Agricolas, que os emprestam aos lavradores das redondezas.

Com uma boa charrua brabant que não custa mais de 30000 rs., faz-se lavoura perfeita e barata. É perfeita porque a terra fica bem mexida; e barata porque se adianta muito trabalho, porque basta uma junta de bois e porque bastam duas pessoas para se lavar um grande campo.

Quem não lavar bem não espere ter boa colheita.

Nem todas as terras se lavram á mesma fundura. Quanto mais duras forem, mais funda deve ir a relha, para que as raizes possam entrar bem pela terra abaixo e quanto mais compridas costumarem ser as raizes, mais fundo se lava também.

Aconselha-se a todos que não empreguem as sementes colhidas no anno passado, no mesmo campo, porque enfraquecem muito. Também se aconselha que não se deite semente á terra sem primeiro ter cuidado com ella. Pelo menos, deve horrifar-se muito com agua que tenha sulfato de cobre. Para isso dissolvem-se 300 grammas de sulfato de cobre em 5 almudes de agua.

### Hortas

Semeiam-se, n'este mez couves, alface e salsa: transplantam-se os

canção com que ganhara a vida em Lisboa, e murmurava baixinho:

.....  
Filha que fica sem mão  
Não devia de nascer...

Maria vivia já ha seis annos na magnifica vivenda do Minho, e todas diziam que, com a affeição d'aquella senhora que a levava de Lisboa, ella devia de ser muito feliz.

O filho da dona da casa, tinha mais cinco annos do que ella, e ás vezes ficava pensativo, impressionado, quando a ouvia no seu quartito que deitava para o lago, suspirar ás tardes, a triste canção da mãe.

Jorge era bom, apesar da educação orgulhosa que a mãe lhe dera, nas suas tradições legitimistas.

Por isso esquecera-se, por vezes, em conversas intimas com Maria, e davam longas passeias pelos campos, aspirando, feliz, o cheiro dos feno frescos, e bebendo o leite puro das cabras impacientes.

(Continúa).

## FOLHETIM

CYPRIANO JARDIM

## A HARPA

(Continuado do n.º anterior)

N'este momento entravam para um trem duas senhoras, das que estavam na primeira loja em que a mãe de Maria entrara. Uma d'ellas dirigiu-se á creança:

— É a tua mãe?

A creança, doida, perdida, queria ir atraz da maca.

— Espera, vem commigo! Teu pae?

— Não tenho! já não tenho senão a minha mãe!

— Pois vem commigo. A'manhã vamos vê-la.

E, chamando um moço a quem apontou a harpa, dando-lhe a morada, meteu a creança no trem e levou-a consigo para o hotel.

Era uma senhora fidalga do Minho.

Viera a Lisboa tratar, com um advogado, do modo de obter a propriedade definitiva da casa de que estava de posse, desde que seu irmão, o morgado, emigrara para a Inglaterra, em virtude dos acontecimentos de 28.

Desde então que não havia novas d'elle; morrera, com certeza; era pois justo que ella, como irmã, fosse a sua herdeira. Demais era viuva e tinha um filho; o irmão era solteiro quando partira, e os dois, portanto, seus herdeiros, mais tarde ou mais cedo, caso este não tivesse casado.

— O que não era natural — argumentava ella. — Meu irmão era um portuguez de lei.

A causa parecia ter seus vizes de justiça e o advogado deu esperanças. Devia-se escrever para Londres, pedir informações, documentos e esperar.

Além d'isso havia por cá emigrados d'aquelle tempo: podia-se saber, descobrir em que o irmão se occupava por lá. Emfim a causa era justa e possível um bom resultado.

O advogado era novo mal habil. Deu muitas esperanças.

Ao outro dia a senhora levou Maria ao hospital.

O empregado não queria deixal as entrar, hesitava, titubeava, dava umas razões exquisitas.

De repente abriu-se uma porta e as duas viram na enfermaria, mulheres que cosiam um corpo n'um lençol. Maria deu um grito e precipitou-se para a cama.

Era a mãe, a sua mãe, que morrera de manhã cedo, a deitar sangue pela bocca.

A creança foi levada em braços para o trem, e no dia seguinte, n'uma carruagem do caminho de ferro, aquella senhora caridosa animava a creança, que chorava succumbida.

— Não chores, Maria; a tua mãe está no céu. Lá iremos ter com ella um dia, e enquanto não vamos, eu serei tua mãe. Não chores.

Maria sorria então tristemente, muito agradecida, mas depois, olhando pela janella do wagon, os campos que iam ficando para traz, todos cobertos de agua da cheia, as arvores despidas de folhas, as arvores negras que corriam no espaço, comprehendia a tristeza da





